

**A problemática da “Ética”  
nas áreas  
do “pensar” e do “agir” humanos**

*(um contributo reflexivo)*

Viseu, 1 de Juho de 2920

*Fernando Paulo Baptista*

# Contributo reflexivo para a afirmação arquitectante e iluminante dos “princípios” e dos “valores éticos” no “PROJECTO MAIOR DA INVESTIGAÇÃO, DA EDUCAÇÃO E DA FORMAÇÃO”

1. O presente contributo reflexivo visa articular-se, genesicamente, com o “PROJECTO MAIOR DA INVESTIGAÇÃO, DA EDUCAÇÃO E DA FORMAÇÃO”, a ser “*objecto-e-foco*” das dinâmicas a protagonizar e a desenvolver pelas Instituições de Ensino Superior, numa perspectiva *sofo-paidêutica, integradora e holística*, que envolva, por inteiro, e à escala planetária, a Comunidade Humana, desde o Ensino Básico (com o fundacional “Jardim de Infância”...), passando pelo Ensino Secundário e incluindo, em plenitude, o Ensino Superior Politécnico e Universitário e prolongando-se, complementar e actualizadamente, ao longo da vida (*lifelong learning*)...

Tudo isso, direccionado para “um exercício da cidadania”, sapiencial, artística, cultural, técnico-científica, política e humanamente consciente, competente, interventivo, transformador e eticamente responsável e exemplar, designadamente nas áreas dos direitos e dos deveres pessoais, profissionais, comunitários e eco-planetários...».

Desse modo, os Homens vão ser todos eles, inclusora e integradamente, **Homines / Ἄνθρωποι**, cumprindo-se o “prognóstico” do imortal Hölderlin, no seu *Hipérion*<sup>1</sup>:

«Onde quer que um povo ame a beleza e honre o génio nos seus artistas, aí circula, como um sopro de vida, um espírito universal (...). Um povo assim é a pátria de todos os homens...»

## 2. Alguns pressupostos de referência e de intencionalidade motivacional:

2.1. «Cada criança (cada jovem) é potencialmente um poeta, um artista, um cientista...».

2.2. «Os Professores são os protagonistas da palavra fundadora, estruturante, sábia e artística; são os “Engenheiros-Arquitectos-Poetas” dos horizontes vitais...».

2.3. «A Universidade: *Magno Projecto Académico de Investigação, Formação e Divulgação em todos as áreas do Saber, iluminado pelos supremos valores da Sabedoria, da Virtude e do Mérito... — Projecto Maior da Cidadania*»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Cf. Friedrich Hölderlin: *Sämtliche Werke*. Kleine Stuttgarter Ausgabe, 6 Bände, Band 3, Herausgegeben von Friedrich Beissner, Stuttgart: Cotta, 1958, p. 142; cf. também: Friedrich Hölderlin: *Hiperión*, Madrid, Hiperión, 1976, p. 206; considerar, culminativamente (e aqui por mim também subscrita...), a bela tradução portuguesa de Maria Teresa Dias Furtado: *Hipérion ou o Eremita da Grécia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, pp. 198-199.

<sup>2</sup> 2.1., 2.2., 2.3.: cf. Fernando Paulo Baptista: *A Sinfonia Universal do Amor Fraternal*, Lisboa, Edições Piaget, 2017, pp. 199, ss.

2.4. Nas palavras do sábio Antifonte, da Velha Hélade (séc. VI a. C.), «... *a mais importante das realizações humanas é a Educação [Παίδευσις]; (...) e se alguém insemina uma educação genuína num corpo jovem, ela vive e floresce por toda a sua vida e nem a chuva nem o vento a destroem*»<sup>3</sup>.

2.5. «*Os homens enquanto ensinam aprendem*» [«... *Homines dum docent discunt*»] (Lucius Annaeus Seneca)<sup>4</sup>.

2.6. «... “*Se sei algo de bom, eu ensino-o, e coloco à disposição dos outros o que acho que os ajudará a seguir na direcção da virtude. E os tesouros dos homens sábios do passado, que os deixaram escritos em livros, percorro-os com os amigos em leituras colectivas, e, se nos apercebemos de alguma coisa boa, recolhemo-la e consideramos um grande ganho tornarmo-nos amigos uns dos outros*” .»

Ao ouvir estas coisas, parecia-me que ele se sentia feliz e que estava a conduzir os que o escutavam para a perfeição, ou seja, para o belo e para o bem [ἐπὶ καλοκάγαθίαν] // [τὸ καλόν τε καὶ τὸ ἀγαθόν] // [«καλόν, σοφόν, ἀγαθόν, καὶ πᾶν ὅτι τοιοῦτον»]<sup>5</sup>.

2.7. «Toda a actuação técnico-pericial e toda a intervenção metodológico-investigativa, do mesmo modo que toda a acção prática e decisional, parecem encaminhar-se para um certo bem. É por isso que com toda a pertinência se tem dito que ***o bem é aquilo para que tudo se encaminha***<sup>6</sup>».

2.8. Nas palavras do Infante D. Pedro, I Duque de Coimbra e Irmão do Rei D. Duarte <sup>7</sup>: «***a justiça deve dar a cada qual aquilo que lhe é devido, e dar-lho sem***

<sup>3</sup> Cf. Antifonte: *Testemunhos, Fragmentos, Discursos*, Levoir, S.A. / Jornal Público, 2017, pp. 84-85.

<sup>4</sup> Cf. Lucius Annaeus Seneca: *Epistulae morales ad Lucilium*, liber primus, VII, 8.

<sup>5</sup> Xenofonte: *Memorabilia*, 1.6.14 (excerto do Diálogo entre Sócrates e Antifonte). Καλοκάγαθία ou como, com mais explicitude analítica, escreve Platão no *Fedro*, 246e: «*O que é divino é belo, sábio, bom e tudo o mais que tem idêntica qualidade*» [«καλόν, σοφόν, ἀγαθόν, καὶ πᾶν ὅτι τοιοῦτον»] (cf. Anita Guimarães Câmara: *Sobre a unidade do Fedro de Platão: o movimento psicagógico e a arte retórica*, convocante “dissertação de doutorado em Filosofia”, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018, págs. 126-127; por outro lado, em consonância com Sócrates, *tal como acontece com as boas sementes bem tratadas pelos agricultores que, depois de germinarem, são motivo de grande felicidade, o mesmo acontece com o homem que tem o conhecimento do justo, do belo e do bom* [δικαίων τε καὶ καλῶν καὶ ἀγαθῶν] (cf. *Fedro*, 276c, citado na pág. 176 daquela dissertação). Sobre as relações conceptuais entre “τὸ καλόν” e “τὸ ἀγαθόν”, considerar também a importante, substancial, bem documentada e clarificadora “tese de doutoramento” de Nicholas P. Riegel: *Beauty, τὸ καλόν, and its relation to the good in the works of Plato*, Departamento de Filosofia da University of Toronto, 2011.

<sup>6</sup> Cf. Aristóteles: *Ética a Nicómaco*, Livro I, 1, 1094a1; Aristóteles: *Ética a Nicómaco*, tradução, prefácio e notas de António de Castro Caeiro, Lisboa, Quetzal Editores, 2018, p. 21.

<sup>7</sup> «O governo do Estado deve basear-se nas quatro virtudes cardeais e, sob esse ponto de vista, a situação de Portugal não é satisfatória. A força reside em parte na população; é pois preciso evitar o despovoamento, diminuindo os tributos que pesam sobre o povo. Impõem-se medidas que travem a diminuição do número de cavalos e de armas. É preciso assegurar um salário fixo e decente aos coudéis, a fim de se evitarem os abusos que eles cometem para assegurar a sua subsistência. É necessário igualmente diminuir o número de dias de trabalho gratuito que o povo tem de assegurar, e agir de tal forma que o reino se abasteça suficientemente de víveres e de armas; uma viagem de inspeção, atenta a estes aspetos, deveria na realidade fazer-se de dois em dois anos. A justiça só parece reinar em Portugal no coração do Rei [D. João I] e de D. Duarte; e dá ideia que de lá não sai, porque se assim não fosse aqueles que têm por encargo administrá-la comportar-se-iam mais honestamente. A justiça deve dar a cada qual aquilo que lhe é devido, e dar-lho sem delonga. É principalmente deste último ponto de vista que as coisas deixam a desejar: o grande mal está na lentidão da justiça. Quanto à temperança, devemos confiar sobretudo na ação do clero, mas ele [o Infante D. Pedro] tem a impressão de que a situação em Portugal é melhor do que a dos países estrangeiros que visitou. Enfim, um dos erros que lesam a prudência é o número exagerado das pessoas que fazem parte da casa do Rei e da dos príncipes. De onde decorrem as despesas exageradas que

*delonga. É principalmente deste último ponto de vista que as coisas deixam a desejar: o grande mal está na lentidão da justiça».*



2.9. Da mensagem transmitida ao longo de dois tão esquecidos (se não mesmo ignorados...) livros — que são o *Leal Conselheiro* e a *Ensinança de bem Cavalgar Toda Sella*, da autoria do nosso concidadão viseense, o Eloquentemente e Rei-Filósofo D. Duarte — retiram-se, entre outros, os seguintes **oito princípios nucleares** pelos quais se deveria pautar a nossa vida:

**1.º – Bem servir;**

**2.º – Não ter medo;**

**3.º – Ser honrado;**

**4.º – Ser pontual** («*Não perlongar aquellas cousas que logo de fazer som*»)<sup>8</sup>;

**5.º – Ser proactivo e vigilante;**

**6.º – Ser respeitado;**

**7.º – Ser alegre e confiante;**

**8.º – Ter um grande e bom coração** (praticando o amor ao próximo, a magnanimidade e a generosidade).

---

recaem sobre o povo, sob a forma de impostos e de requisições de animais. Acresce que toda a gente ambiciona viver na Corte, sem outra forma de ofício.» (Resumo da Carta do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, a seu irmão D. Duarte, em 1426).

**Nota:** Este resumo da “Carta de Bruges” (enviada pelo Infante D. Pedro a D. Duarte, em 1426) é de Robert Ricard e consta do seu estudo «L’Infant D. Pedro de Portugal et “O Livro da Virtuosa Bemfeitoria”», in Bulletin des Études Portugaises, do Institut Français au Portugal, Nova série, tomo XVII, 1953, pp. 10-11.

<sup>8</sup> Cf. *O Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sella* (fielmente copiados do manuscrito da Biblioteca Real de Paris e impressos em Lisboa na Typographia Rollandiana, 1843), cap. LXXII — *dos pecados da omyssom* — pág. 234; esta edição foi «presented to the Library of Toronto by University of Waterloo, digitized by the Internet Archive in 2009 with funding from University of Toronto».

Estes são, sem dúvida, belíssimos conselhos plenos de actualidade.



2.10. Promoção dos princípios da “convivialidade” e da “fraternidade”, contra a “violência” na prática do Desporto:

É urgente promover o sentido convivial e confraternizante que torna o Desporto (e, com muito especial acuidade, o Futebol...) mais humano e mais belo, sobretudo quando se concretiza através de uma harmoniosa e artística “partitura” orquestrada e executada, sem violência, por duas equipas constituídas por humanos corpos vivos que se movem (deveriam mover-se) exclusivamente pelo sentido e finalidade (teleologia) da Arte no espaço verde das quatro linhas do “relvado”...

Na verdade, importa transformar o Desporto numa constante aprendizagem dos ritmos inerentes à condição antrópica dos Desportistas, promover o desenvolvimento do exercício dialógico e respeitoso, próprio dos deveres de uma “Cidadania da Confraternidade” corpórea e anímica, carismaticamente modelada pela “*Pedagogia da alta concentração mental, racional e emocional*”, do adestramento da instantânea e irradiante rapidez dos reflexos e do rigor cinético, em suma, da criatividade e da agilidade *psico-somato-motora* consubstanciadas no “poder de arranque”, no adestramento de ganhar velocidade para *fintar, simular, surpreender, rematar e marcar golo...*

Mas tudo isso, importa sublinhá-lo, a consubstanciar-se na consagração do clássico princípio (inspirado no poeta romano Juvenal, da «*mens sana in corpore sano*»<sup>9</sup> [“*alma sã num corpo sã*”], reforçado com o lema olímpico “*Citius, Altius, Fortius*”<sup>10</sup> [«*o mais rápido, o mais alto, o mais forte*»], culminando numa finalizadora,

<sup>9</sup> Cf. Decimus Iunius Iuvenalis [Décimo Júnio Juvenal (nascido em Aquino entre 50-60 a.C.; falecido em Roma, depois de 127 d.C.), Sátira X, 356: «Orandum est ut sit *mens sana in corpore sano*».

<sup>10</sup> O princípio orientador do “*Citius, Altius, Fortius*” [o mais rápido, o mais alto, o mais forte], trinómio latino que traduz o “**lema olímpico**” adoptado expressamente pelo Comité Olímpico Internacional, na Carta Olímpica, de Lausanne]. Expressa a aspiração do movimento olímpico a que o homem alcance sempre um patamar mais alto na sua escala

inclusora e integradora saudação irénica a todos os protagonistas do evento desportivo e ao público presente, ao ritmo de uma feérica e multilateral explosão de aplausos jubilantes...

Em suma: fomentar a dimensão ético-doutrinal e formativa, que deve constituir a base fundamental para a “Prática do Desporto”<sup>11</sup>.

É um indeclinável dever de todos nós — Académicos, Investigadores, Professores e Educadores — contribuir para a promoção dos Valores Maiores do *Belo* e do *Bem*, da *Verdade* e da *Justiça*, da *Solidariedade* e do *Amor Fraternal* e para a configuração, nos espaços concretos do exercício da *Cidadania*, de uma “Práxis Ético-Política e Comunitária” que se deseja cada vez mais interventiva e transformadora e, assim, mais afectuosa e mais fecunda...

Tomando como base a consciência da fragilidade, efemeridade, imperfeição e demais limitações da condição humana, afigura-se-me ter todo o cabimento assumir, como orientadora “bússola” do agir quotidiano, a partilha, entre outros, do legado reflexivo do filósofo hispano-romano *Lucius Annaeus Seneca* (4 a.C.; 65 d.C. ), quando, no seu *De Ira* (Liber III, cap. XLIII, § 5<sup>12</sup>) nos interpela e responsabiliza: «*Dentro em breve, exalaremos o último suspiro. Mas enquanto nos arrastarmos, enquanto estivermos entre os humanos, cultivemos a humanidade!...*».

E esse cultivo não pode deixar de ser feito em sintonia com aquele famoso verso do dramaturgo *Públio Terêncio* (195/185 – 159 a.C. ):

«*Sou homem, e nada do que é humano me é alheio*»], tanto mais que, ainda em consonância com a argumentação deste nosso filósofo, «*somos membros de um grande corpo*» e que «*a Natureza nos deu à luz com o mesmo grau de parentesco*»<sup>13</sup>.

Inspirados e movidos pelo “vento onírico” do *sonho que comanda a vida* e que paira por sobre as águas genesíacas e animados de um fortíssimo sentido poético-literário e filosófico-humanista, vamos todos, de mãos dadas, ajudar a rasgar as amplas avenidas que hão-de conduzir as nossas comunidades à prometida e cantada “Terra da

evolutiva, superando aos outros e a si mesmo. Traz um desafio ao homem para que ele busque incessantemente, em toda a sua vida, o alcance de maior perfeição, não se resignando, inerte, ao mínimo necessário à sua sobrevivência. Este lema é afinal o da vida e de todas as formas de lhe dar sentido e significado. Não se trata apenas de perseguir o sucesso, mas de entender este como um meio de visar mais alto, de ser fiel ao compromisso com o aprimoramento dos nossos passos e caminhos, das palavras e actos, dos sentimentos e gestos, à luz de padrões culturais e sociais e no respeito e encaço da cidadania ética». Cf. Jorge Olímpio Bento e José Manuel Constantino: *Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito*, Coimbra, Almedina, 2007, p. 53; José María Cagigal: *Deporte, pulso de nuestro tiempo*, Madrid: Editora Nacional, 1972, pp. 7-8.

<sup>11</sup> Cf. José María Cagigal: *Deporte, pulso de nuestro tiempo*, Madrid: Editora Nacional, 1972, pp. 7-8: «[...] a perda de equilíbrio humano é, para além disso, a perda de muitos equilíbrios. O primeiro é o tão apregoado equilíbrio psicofísico. O postulado *mens sana in corpore sano* (1) do qual tanto, e, por vezes tão indiscriminadamente, se tem abusado, tem uma perigosa ressonância dualista, mas, por outro lado, sugere uma paridade, um equilíbrio. O homem não é nem apenas *mens* nem apenas *corpus*, é ambas as coisas a uma só vez (a «*body/mind*»), em funcionamento em simultâneo, em fecunda interacção, em sábio contrapeso, em recíproca fertilização. O clássico aforismo da «*Mens sana in corpore sano*» — *mente sã num corpo sã* (expressão latina retirada, como vimos, da *Sátira X* de Juvenal) indica que o equilíbrio e harmonia do intelecto não se dissocia do equilíbrio corporal.

<sup>12</sup> *Apud*: <http://www.thelatinlibrary.com/sen/sen.ira3.shtml>

<sup>13</sup> Cf.: Lucius Annaeus Seneca: *Epistulae morales ad Lucilium*, Liber XV, Epistula XCV, 52, 53, *apud*: [http://www.intratext.com/IXT/LAT0230/\\_P2N.HTM](http://www.intratext.com/IXT/LAT0230/_P2N.HTM); cf. Fernando Paulo Baptista: *A Sinfonia Universal do Amor Fraternal*, Lisboa, Edições Piaget, 2017, pp. 123-124, nota 235, e 135-136: Aquele verso (que Séneca deseja no coração e nos lábios) é o emblemático verso 77 do *Heautontimoroumenos*, de Terêncio: «*sou homem, nada do que é humano me é alheio*».

Fraternidade” — *Deméter: Terra-Mãe/Terra-de-Irmãos* — e à inadiável e progressiva instauração planetária duma “*Ética Universal do Amor Fraternal*”, tal como utopicamente a imaginou, por exemplo, o filósofo alemão Ernst Bloch (1885-1977) <sup>14</sup>.

Na verdade, só através da instauração dessa *Ética* de natureza *cordial e amável* e de dimensão verdadeiramente universal se poderá promover a eliminação de toda a espécie de miséria e de servidão que vêm negando, humilhantemente, a *Humanitas* da Pessoa Humana, ou seja, a sua singular e irreduzível Dignidade e Sublimidade !...

Por outro lado, considerando que o “Amor Fraternal” constitui *a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, sobretudo quando observa, com olhos sinceros, identificantes e compassivos, o irmão que encontra no caminho da Vida* a sofrer os infortúnios da falta de pão, agasalho e medicamentos e de condições de acesso à Educação e à Cultura; considerando ainda que é o “Amor Fraternal” o mais poderoso e encantador “enlaçamento” que, abraçando, de modo englobante, holístico e paritário, **TODOS OS CONTINENTES DO PLANETA**, consubstancia e concretiza essa “**GRANDE ÉTICA CORDIAL, AMORÁVEL E UNIVERSALISTA**”, SEM A QUAL, NÃO HAVERÁ NEM *LIBERDADE* NEM *IGUALDADE* NEM *FRATERNIDADE*...; considerando tudo isso, e para finalizar, ousou pedir a todos Vós que, à maneira de um frontal e mobilizador “**MANIFESTO ÓRFICO FEITO DE POESIA, MÚSICA, SONHO E PAIXÃO**”, me acompanheis, em ecuménica escuta, na pública proclamação plasmada por Miguel Torga no seu arrebatador poema intitulado

## **UNIVERSALIDADE** <sup>15</sup>:

*«Aqui declaro que não tem fronteiras.  
Filho da sua pátria e do seu povo,  
A mensagem que traz é um grito novo,  
Um metro de medir coisas inteiras.  
Redonda e quente como um grande abraço  
De pólo a pólo, a sua humanidade,  
Tendo raízes e localidade  
É um sonho aberto que fugiu do laço.*

*Vento da primavera que semeia  
Nas montanhas, nos campos e na areia  
A mesma lúdica semente,*

---

<sup>14</sup> Cf. Francisco Serra: *História, política y derecho en Ernst Bloch*, Madrid, Editorial Trotta, 1998, pp. 53, 161, 218. Para uma perspectiva global e polifónica da problemática da “*Ética*”, considerar a bem fundamentada e organizada edição de Victoria Camps, Osvaldo Guariglia e Fernando Salmerón: *Concepciones de la ética*, Madrid, Editorial Trotta, 1992; considerar também a seguinte reflexão sobre as “*Virtudes*” (a *Justiça*, o *Amor*, a *Esperança*, a *Alegria e Felicidade*, a *Confiança*, a *Força*, a *Temperança*, a *Prudência*, a *Paciência*, a *Humildade*): Carlos Díaz: *Repensar las Virtudes*, Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias, 2002.

<sup>15</sup> Miguel Torga: *Poesia Completa* («Nihil Sibi»): poema «UNIVERSALIDADE», Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 298.

*Se parasse de medo no caminho,  
Também parava a vela do moinho  
Que mói depois o pão de toda a gente.»*

Para concluir, seja-me permitido partilhar evocativamente com todos Vós uma decisão concreta, consagrada de um radicante “*Princípio de Coerência e de Solidariedade*” no Exercício da Cidadania:

Em de 16 de Abril de 2017, numa carta de resposta, ao convite que o Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor António Cruz Serra, me dirigiu para me associar a uma rede de parceiros internacionais no Projecto da UNESCO / ONU designado **EDUCATION FOR GLOBAL PEACE SUSTAINABILITY** (“Educação para a Sustentabilidade da Paz Global”), projecto sintetizável numa felicíssima fórmula e sigla simbólico-orientante e direccionante – **E — > GPS** (**E**ducation — > **G**lobal **P**eace **S**ustainability”), começava eu por dizer convictamente o seguinte:

«É com um forte sentido de solidariedade e de júbilo que aceito o honorabilíssimo convite que Vossa Excelência acaba de me dirigir.

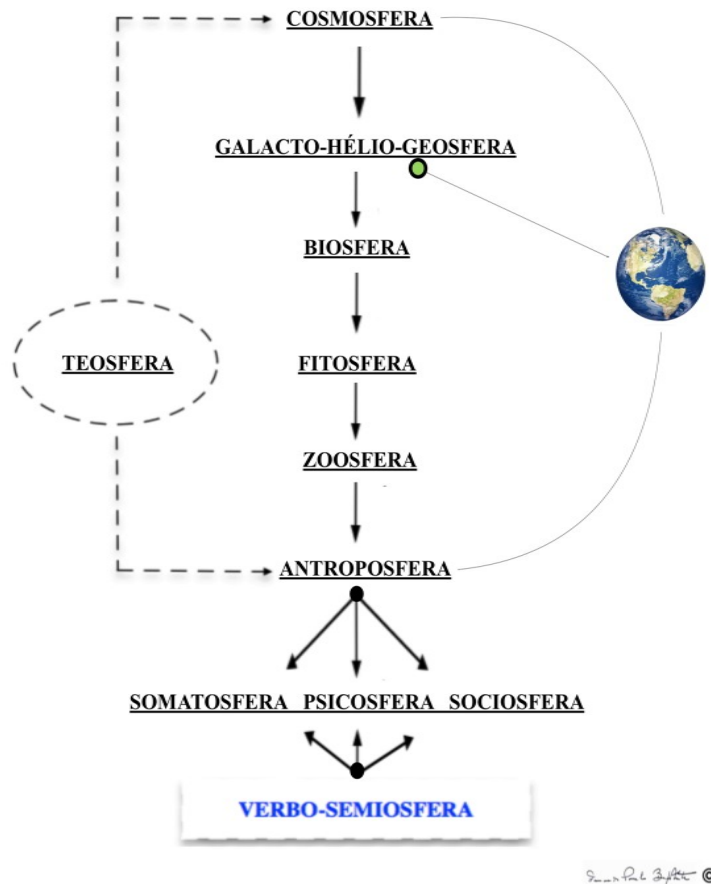
Na verdade, esta minha aceitação não deixa de estar em essencial sintonia com o “*Projecto de Cidadania Humanista Planetária*”, tal como o concebi há largos anos e em que me tenho vindo activamente a empenhar, através da promoção conscientificante de ideias e causas como as *Fraternidade, da Solidariedade, da Partilha, da Igualdade, da Paridade, da Justiça, da Liberdade, da Responsabilidade, do Diálogo, da Abertura de Espírito, da Diplomacia, da Concórdia, da Harmonia, da Paz, da Vida, da Saúde, da Educação, da Cultura, da Arte, da Ciência, da Ética, da Lei, do Sentido de Missão e de Dever, do Respeito pelo(s) “Outro(s)” e pela Diferença...* Em síntese: o **PROGRESSO E O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DOS POVOS E A HUMANIZAÇÃO HOLÍSTICA (integral e integrada) DA COMUNIDADE HUMANA PLANETÁRIA...»**.

Nessa perspectiva, e face ao compromisso académico assumido, foi-se reforçando, em mim, a consciência, tão clara quanto possível, do modo como se constitui e se organiza aquela Comunidade...

Existencialmente alicerçada nas potencialidades e nos limites do “corpo-mente” que todos somos, uma “comunidade de cidadãos”, seja qual for o seu âmbito expressional, o seu nível organizativo e a sua extensão “cartográfica” (desde o “local” ao “planetário”...), jamais pode dispensar uma prévia e adequada reflexão, a partir da implicada e articuladora consideração das três nucleares dimensões constitutivas do nosso ser “antrópico”: a dimensão *somatosférica*, a dimensão *psicosférica* e a dimensão *sociosférica*. Tudo naturalmente considerado no integrador quadro *cosmosférico* de uma *gácto-hélio-geo-biosfera* que tentei configurar no seguinte “diagrama”:



Visão holística e integrada  
do  
Universo  
(diagrama conceptual)



Da esclarecida tomada de consciência de tudo isso, não pode deixar de assumir-se (em lógica coerência e indeclinável imperatividade ética, enunciada em estreita consonância com a aristotélica “razão vital” que está na gênese, constituição e teleologia de uma “comunidade de cidadãos”) o Supremo Valor da Vida Humana<sup>16</sup> como inderrogável princípio *principal* (*principium a se*) animante, morfogénico e complexificante deste nosso planetário modo de existir...

Princípio, eixo e raiz do biologicamente mais estruturado, complexo, poderoso, misterioso e sortilégio dos sistemas vivos, pulsão e “élan” genético-mental, espiritual, simbólico e *endo-exo-movente* que, irrompendo das lonjuras primigénias e granulares da matéria cósmica, radialmente a atravessa para a transcender, por força de uma *teleonomia*, de uma “cibernética” e de uma ἐντελέχεια [*entelecheia*]<sup>17</sup> que lhe são singularmente próprias e lhe permitem auto-organizar-se e auto-regular-se, a Vida Humana é, ao mesmo tempo, *ordo ordinatus* e *ordo ordinans* e *re-ordinans* das

<sup>16</sup> Cf. Hans Jonas: *El principio vida — Hacia una biología filosófica*, Madrid, Editorial Trotta, 2000, pp. 13-19; recordar, neste contexto, a iluminante obra de Pierre Teilhard de Chardin: *O Fenómeno Humano*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1965.

<sup>17</sup> ἐντελέχεια [*entelecheia*]: energia actuante e eficaz; «a acabada realização da potência» (Aristóteles).

energias dissipadas (Prigogine<sup>18</sup>) nos fluxos e refluxos de re-equilíbrio neguentróptico, o mesmo é dizer, na série de “catástrofes de instabilidade” caógena que emergem da própria estabilidade dinâmica em que se afirma e se move...

Por outras palavras e em consonância com Aristóteles: a Vida Humana, concretada e configurada na humanidade de cada corpo vivo, constitui a matriz tectónica, metabólica, organísmico-espiritualmente activa e reactiva, plástica, (re)produtora, liberadora e criadora que funda as Comunidades Humanas existentes no orbe da Terra.

Por tudo isso, ela não pode deixar de ser a geratriz, o alicerce e o vector de um condigno “Projecto de Cidadania”: *in principio est vita* [no princípio está a vida] !...

Obra em acto e em permanente e desassossegada construção, a ser levada a cabo com cada vez mais tensa, criativa e humanizadora dignidade, no pressuposto de que é sempre possível fazer aportar ao “humano” que já somos e já temos o “divino-humano” que ainda nos falta...

A constante, dedicada e apaixonada aprendizagem dos fundacionais e, por isso mesmo, fundamentais saberes (*saber-pensar, saber-escutar, saber-dizer, saber-ser, saber-estar, saber-agir, saber-acreditar, saber-esperar, saber-sonhar, saber-sofrer, saber-realizar...*) assim orientada e conduzida sob o ponto de vista antropológico, axiológico, pedagógico e epistemológico, pode e deve contribuir, por um lado, para a formação de uma “consciência política”, intelectual e sapiencialmente mais esclarecida, mais sólida, estruturada e consistente e, pelo outro, eticamente mais ampla, mais englobante, mais robusta e mais responsável e adulta, porque reconduzida à original e iluminante “verdade” da *imperfeição e incompletude da nossa humana e limitada condição...*

A partir daí, por essa via e desse modo, todos e cada um nós, movidos de um novo e partilhado “espírito”, seremos capazes de protagonizar, na singularidade da respectiva “visão do mundo”, no ritmo, no estilo e na cadência que nos são peculiares, a sonhada “CATEDRAL DO HOMEM” na esperançosa e fraterna “CIDADE DO SER” de que nos fala Erich Fromm<sup>19</sup>, num inspirado eco intertextual tocado pelo augustiniano sopro da humanizada e humanizante sublimidade da CIUITAS DEL...

A construção dessa “Cidade Humano-Divina” e dessa “Catedral” não pode dispensar o farol iluminante de um “**Projecto de Cidadania Humanista à escala Planetária**”, assente num conjunto de princípios estruturantes e orientadores que emergem, entre outros, das “matrizes” histórico-genealógicas da Civilização e da Cultura, designadamente da “Paideia Clássica”:

**1.º — O Princípio Universal do Amor Fraternal:** consonantemente consubstanciado na força da sua englobante “motricidade”, lapidarmente plasmada no sublime verso da Égloga V de Camões que nos diz: «... **por amor se move tudo**» !...

De sublinhar que este incomparável “poder” cinético-metamorfósico do Amor é

<sup>18</sup> Cf. Ilya Prigogine: *O Fim das Certezas – Tempo, Caos e as Leis da Natureza*, São Paulo, Editora UNESP, 2.ª ed., 2011.

<sup>19</sup> Erich Fromm: *Ter ou Ser?*, Lisboa, Editorial Presença, 1999.

garantido, entre outros, por Santo Agostinho<sup>20</sup> (*In Ioannem* 8.7.), quando defende que «*desde que amássemos, podíamos fazer o que quiséssemos (...), uma vez que, se a raiz do amor está dentro de nós, só o bem poderá sair dessa raiz*», por Rabíndranáth Thákhur<sup>21</sup>, para quem «*o amor é a verdade suprema que está no cerne da criação*». Tudo reforçado ainda com o contributo meditativo *teo-antropo-sófico, místico e pedagógico* do famoso pensador indiano Jiddu Krishnamurti<sup>22</sup>, em torno do «amor» e da «criação»...

Na verdade, e no que mais especificamente ao processo da criação diz respeito, partilho, com igual convicção, a ideia de que este processo não pode deixar de ser comandado, também ele, pela incomparável energia do Amor: «*É com o amor, diz Krishnamurti, que se dá o advento da criação*». E porque «*o amor não tem motivo*» («*ele é a sua própria eternidade*»), impõe-se-nos, em coerente consonância, a partilha do ajuizamento segundo o qual «*a criação é algo de intemporal que não tem amanhã nem ontem*»<sup>23</sup> e, portanto, não pode estar condicionada nem subordinada a qualquer conjuntural ou circunstancial e mesquinho ou rasteiro “jogo de interesses” que a maculem em sua pureza primigénia...

**2. – O Princípio de Felicidade:** evocado pelo seguinte pensamento atribuído ao filósofo pré-Socrático Tales de Mileto [623-624 a.C.: 546-548 a.C.]: «*Quem é feliz? – Quem tem um corpo saudável, uma mente engenhosa e uma natureza educável*»<sup>24</sup>.

**3. – O Princípio de Saúde:** apresentado, como acabámos de ver, por Tales de Mileto e reafirmado pelo poeta romano Decimus Junius Juvenal (60-128): Sátira X, verso 356: «*devemos rezar para que haja uma mente sã num corpo saudável*»<sup>25</sup>;

**4. – O Princípio de Consciência Sapiencial Comunitária, Auto-Determinação, Vontade Decisiva e Resiliência Combativa e Realizadora:** inspirados pelo diálogo dialéctico: “*subjectividade <> intersubjectividade*”, “*nós <> e os outros*” e por aforismos, como “*Querer é poder*”; “*A união faz a força*”; “*Um por todos... e todos por um [“E pluribus unum”]*”<sup>26</sup>...

<sup>20</sup> Santo Agostinho: *Tractatus ad Epistolam Joannis*, VII, 8: «... *Dilige, et quod vis fac (...): radix sit intus dilectionis, non potest de ista radice nisi bonum exsistere*». Cf. Augustin: *Commentaire de la Première épître de S. Jean*, P. Agaësse (trad.), SC 75, Paris, Cerf, 1961, pp. 328-329; cf. igualmente: A Clerici: *Ama e fa' quello che vuoi*, Palermo, 1991; cf. ainda: *Dix traités sur l'épître de Saint-Jean aux Parthes* (In Epistolam Ioannis ad Parthos Tractatus Decem), (trad. de M. Peronne), traité 7, §. 8, dans *Œuvres complètes de Saint Augustin*, évêque d'Hippone, Augustin d'Hippone, éd. Louis Vivès, 1869, t. 10, p. 531-532.

<sup>21</sup> Cf. <http://www.brainyquote.com/quotes/quotes/r/rabindrana388896.html>

<sup>22</sup> Sobre a obra de Jiddu Krishnamurti, ver: <http://www.jiddu-krishnamurti.net/em>

<sup>23</sup> Cf. Jiddu Krishnamurti: *Talks*, Índia, 1965, págs. 48, 73.

<sup>24</sup> Cf. Diogenes Laertius: *Lives of Eminent Philosophers*, R.D. Hicks, Ed.: Κεφ. α'. ΘΑΛΗΣ: ΠΠΟΟΙΜΙΟΝ, 37.

<sup>25</sup> Cf. Liber IV, Satura X, verso 355: «*orandum est ut sit mens sana in corpore sano*».

<sup>26</sup> Cf. Appendix Vergiliana *Moretum*, onde aparece escrito: «e pluribus unus».

**5. – O Princípio de Transcensão por Auto-Superação<sup>27</sup> e Visão Estratégico-Teleológica:** decorrente da auto-consciência de que existem em cada um de nós potencialidades que reclamam a auto-exigência de um constante e multidimensional esforço perfectivo *areteico* e *onto-anabático* — a escalada ético-sapiencial para a acrópole da *Sophia* (Σοφία), ao serviço da Pólis (Πόλις).

\*\*\*

Sinto haver em mim, portanto, uma predisposição natural e uma consonante abertura de espírito para participar, colaborativamente, e sempre com toda a humildade intelectual, num “Projecto Comunitário Mundial” tão rico de Humanismo, como é o da “EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE DA PAZ GLOBAL” [“*Education for Global Peace Sustainability*”].

Foi, pois, em coerente consonância com tudo isso, que senti ser-me impossível recusar o tão honorificante “convite” do Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa, assumindo-o como um categórico e imperioso “Dever de Cidadania Solidária” que só podia ser movido e iluminado por uma “Ética da Coexistência Intercultural”, da “Convivialidade Dialógico-Polilógica”, do “Direito Humano à Diferença” e da “Fraternidade contra a Violência”...

É essa irrecusável e inadiável promoção do sentido convivial e confraternizante que torna a vida mais humana e mais bela, mais harmoniosa e mais acolhedora, para fomentar o desenvolvimento do exercício do diálogo respeitador, próprio dos deveres da “Colegialidade” e da “Confraternidade”, para ADOPTAR A DIMENSÃO ÉTICA E FORMATIVA QUE DEVE CONSTITUIR O APOIO FUNDAMENTAL DO “CORPO-MENTE”, carismaticamente modelado pela já referida “PEDAGOGIA DA ALTA CONCENTRAÇÃO MENTAL, RACIONAL, PSICO-MOTORA E EMOCIONAL”, tão evidente e tão premente, por exemplo, nas “Actividades Desportivas”, onde, seja qual for a modalidade, tudo pode e deve ser coroado na mágica, vibrante e partilhada sinfonia dos aplausos e dos afectos, contra a irracionalidade dos assobios, dos insultos e dos impropérios nascidos da cegueira fanático-clubística...

Com o respeito cordial devido aos Colegas Académicos e aos diferentes modos de perspectivação epistemológica da “fenomenologia do real” e do tratamento analítico-crítico e judicativo-avaliativo das “problemáticas científico-culturais” que se levantam na concepção e formalização das actividades programáticas deste tão importante “PROJECTO DE HUMANIZAÇÃO DO MUNDO”, e se a minha colaboração pessoal for considerada útil, *jamais violarei o compromisso de agir sempre com o maior respeito pessoal e dignidade ética e epistemológica*, em estreita sintonia e harmonia com o mais rigoroso entendimento institucional da teleonomia e da identidade ôntico-operativa e com o indispensável exercício criativo-construtivo da “crítica” e da “auto-crítica” — exercício este, direccionado para a melhoria sistemática,

<sup>27</sup> Convocado pelo lema “*Citius, Altius, Fortius*” [«*Mais Rápido, Mais Alto, Mais Forte*»]. Esta expressão latina criada pelo padre dominicano Henri Didon, foi escolhida pelo Barão Pierre de Coubertin, fundador do Comité Olímpico Internacional (COI) em 1894 e foi oficialmente consagrada como lema dos Jogos Olímpicos da Era Moderna em 1924.

baseada na pressuposição de que TUDO PODE E DEVE SER SEMPRE OBJECTO DE UM EMPENHADO APERFEIÇOAMENTO...

Foi, pois, na assumida consciência de tudo isso que eligi como “lema de vida” o seguinte conjunto de pensamentos bússolo-estelares:

\* «O céu estrelado por sobre mim e a lei moral (a ética, o dever) dentro de mim»<sup>28</sup>.

\* «Age sempre de tal maneira que os teus actos possam ser erigidos em máxima universal»<sup>29</sup>.

\* «Para ser grande, sê inteiro: nada / teu exagera ou exclui. / Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / no mínimo que fazes. / Assim em cada lago a lua / toda / brilha, porque alta vive»<sup>30</sup>.

\* «O nosso saber só é verdadeiramente importante e útil, quando se transforma em actos de solidariedade e afecto ao serviço de quem dele precisa» [«our knowledge is only really important and useful, when it turns into empathy, and supportive, and fraternal acts addressed to someone who needs help»]<sup>31</sup>.

Viseu, 1 de Junho de 2020



*Fernando Paulo Baptista*  
(da Academia das Ciências de Lisboa)  
(da Academia Portuguesa da História)

<sup>28</sup> Immanuel Kant: *Crítica de la Razón Práctica*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 2002, p. 197.

<sup>29</sup> «Act only according to that maxim whereby you can at the same time will that it should become a universal law»; considerar, a propósito: *Groundwork of the Metaphysics of Morals* apud: [https://en.wikipedia.org/wiki/Groundwork\\_of\\_the\\_Metaphysic\\_of\\_Morals](https://en.wikipedia.org/wiki/Groundwork_of_the_Metaphysic_of_Morals); cf. também Michael Rohlf: *Immanuel Kant: «The categorical imperative»* in Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2016: <https://plato.stanford.edu/entries/kant/#CatImp>.

<sup>30</sup> Fernando Pessoa / Ricardo Reis: *Odes*, Lisboa: Ática, 1983, p. 148.

<sup>31</sup> Excerto retirado de um “parecer” técnico-editorial (elaborado na minha qualidade de “consultor editorial” do *World Health Organization Bulletin*) que incidiu sobre um estudo da autoria de dois especialistas internacionais, dedicado ao modo como são prestados os cuidados primários de saúde no Bangladesh.